



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
End. telegr. *Talaba — Lisboa* • Telefone: 17  
Officinas de impressão: Rua da Aflalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O pão em bolandas

Fala-se aí numa modificação do regime de pão agora existente. Modificação para melhor, juntam os órgãos burgueses. E em que vem a consistir a modificação? Não se sabe bem. Inventam uns que o regime do tipo único subsistirá, tratando-se apenas de melhorar a qualidade do pão. Esclarecem outros que vão ser restabelecidos os dois antigos tipos. Num ponto concordam todos: é que teremos de começar a pagar mais do que ora pagamos, quer o pão inteiro, quer se volte ao regime dos dois tipos.

Não é a notícia de molde a regosiar consumidores, como se vê. Pagar mais, num momento em que a fome se poderou já de metade da população, é duro. A paciência popular é uma fonte de recursos quase inesgotável. Mas a paciência popular está prestes a esgotar-se, e só o futuro poderá dizer quais os resultados do seu inteiro esgotamento.

Como tudo de contar com um novo assalto à bolsa, premeditado por moageiros e governantes, é muito próximo de ser levado a cabo. Desaparecer o actual tipo de pão é o melhor. Essa putrefacção já está em venda arruinou já os imagos de milhares. É uma infâmia que se poderia perder num país como o português, onde dois factos conjugados — o descarrilhamento de duns e a boa douçura — lhe determinaram ou aceitaram a hegemonia. Mas poderemos nós confiar em que o tipo de pão a instituir ficará definitivamente melhor do que o actual quando já a anterior experiência gere a desconfiança que de mais uma curra se vai tratar, embora nos primeiros dias do novo regime se apresente a venda um produto razoável, que logo, pouco a pouco, irá piorando a ponto de tornar-se tão incomestível como o de hoje?

Somos nós que concordamos com o tipo único e já aqui, por várias vezes, vemos ensaio de justificar as razões desta preferência. Mas se partirmos do tipo único não quer dizer que aceiteemos, numa passividade de ampígonos por vocação, toda a porcaria que, com o nome de pão único, lembre a estupidez industrial de imingir-nos, com a cumplicidade de quem manda.

Esse produto nauseabundo e tóxico que ali está em venda não merece, nem pode aplicar-se-lhe o nome de pão. Fala-se aí numa modificação, transformá-lo, regerá-lo, torná-lo comestível, está bem. Mas já não está bem que se venha sobrecarregar o consumidor com um novo aumento de preço, para mais sem a garantia de que a qualidade do produto em questão melhora correspondentemente.

¿A que poderia atribuir-se a má qualidade do pão actual? Evidentemente a traquibérias indignas, praticadas ou na moagem ou na panificação. Não há que fugir daqui. O grão de trigo, moído sem a adição de produtos estranhos, dá uma farinha excelente. A panificação desta farinha, feita cuidadosamente, honestamente, sem fraude, poderá produzir tudo menos esse pão excrementício que de há meses nos vem sendo fornecido. De resto, as tramoiadas praticadas revelam-se bem pelo seu cunho de imperícia e desagrégio. A história do pão com vidros não revela um descuido nem uma casualidade. Revela antes um crime dos mais hediondos. O pão único foi propositalmente formado mau. Instituíram-no talvez para dar saída a farinhas ardidas e bafiantes, apodrecidas, que para aí estivessem sonegadas. Depois, tratou-se de fazer convergir sobre ele os ódios de todos os consumidores, tornando-o incomestível, propositalmente. ¿Com que fim?

O fim patenteia-se agora. Com o fim de estabelecer-se um regime novo que mais esfolada, se é possível, deixasse ainda a população e mais opulentes os moageiros e todos os restantes parasitas que da sombra do pão alheio se locupletam.

Ora a orientação do povo não pode ser senão esta: reclamar a melhoria da qualidade do pão actual, para o que bastará meter na ordem os falsificadores e os especuladores, e exigir a conservação do preço actual. Nenhum movimento de energia poderia revestir mais oportunidade que este, provocado pelas indignidades perpetradas com o pão. Se este movimento se não produzir mostrará a população, com a sua inércia, que é merecedora de todos os tripudios que a vitimam. Custa-nos todavia a acreditar que a antiga passividade, a antiga brandura dos explorados não tenha agora o seu termo. A menos que a lenta intoxicação produzida pelo pão único tenha já cadaverizado tudo e adormecido tudo...

NOTAS & COMENTÁRIOS

**Diferenças...** Segundo consta, vai ser permitido que o leite se venda em Lisboa a 30 centavos o litro, argumentando-se que para ser exigido em estado completo é impossível manter a actual tabela.

Se se tratasse duma reclamação de aumento de salário formulada por operários, já as metralhadoras teriam sido passadas por essas ruas. Para os comerciantes, porém, é isto que se vê e cujos efeitos o consumidor tam sensivelmente sente...

**Azeites...** O nosso informador da Arcada envia-nos a seguinte nota:

«Acêrca da questão do azeite, sabemos que o ministro da agricultura mantém os preços da actual tabela. Espera-se que pelo regime de abastecimento em estudo aflixa ao mercado o azeite que se encontra em poder dos detentores, em face das vantagens que aquele regime dará ao comércio».

O ministro espera que os assambarcadores do azeite façam afluir ao mercado o artigo e nós temos a convicção de que os assambarcadores não de continuar a proceder como até aqui, embora desejemos enganar-nos na nossa previsão.

**Requisições...** O governo vai, ao que parece, requisitar todo o carvão vegetal que se encontra ao abandono em muitas estações ferroviárias do país e que, segundo os melhores cálculos, dará para o abastecimento de Lisboa durante mais de um ano. O ministro da agricultura já está tratando de obter transportes para aquele combustível.

Através da linha servida pelo Sul e Sueste sabemos nós que há enorme quantidade daquele vegetal, que os desinteressados comerciantes do género em Lisboa não levantam... a ver em que param as modas.

**Labor...** Foi muito demorada, ao que nos informam, a reunião do conselho de ministros que ontem se efectuou no ministério das colónias e em que, segundo uma nota que recebemos, foram tratados importantes assuntos de administração pública e alguns de carácter político.

Apostamos dobrado contra singelo em como o caso da descoberta do jazigo de carvão de Alcácer não mereceu a atenção dos ilustres governantes.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Greve de braços caídos**

**Declaração de um ferroviário**

MADRID, 6. — O ministro do interior informou que o pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro Madrid-Caceres-Portugal declarou a greve de braços caídos. — *Rádio.*

**A greve dos fósforos**

O movimento mantém-se no mesmo estado, tendo chegado a noite passada a Lisboa, no rápido, a comissão delegada dos grevistas da fábrica do Porto que, conforme temos dito, trabalha em íntimo acordo com os seus camaradas da capital, havendo determinado a sua vinda o facto de há três dias não receberem qualquer comunicação dos seus colegas lisboenses, a despeito destes diariamente haverem comunicado, quer por meio de telefones, quer por meio de telegramas, correspondência que certamente tem sido subtraída.

O gerente da fábrica do Beato, José Joaquim de Almeida, considerando-se ofendido por não ter sido comunicado da declaração da greve, quando lhe foi feito o pedido para que não obrigasse o pessoal do serviço de incêndios, que também é grevista, a que trabalhasse em serviço estranho, declarou que não reconhecia direito a quaisquer imposições, como se fosse o dono da fábrica, quando é certo que não passa dum assalariado, e nessa qualidade, virá a participar dos benefícios que os grevistas venham a conseguir, tanto mais que também se lamenta das dificuldades provenientes dum salário insuficiente.

## Greve de braços caídos

**Declaração de um ferroviário**

MADRID, 6. — O ministro do interior informou que o pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro Madrid-Caceres-Portugal declarou a greve de braços caídos. — *Rádio.*

## A greve dos fósforos

O movimento mantém-se no mesmo estado, tendo chegado a noite passada a Lisboa, no rápido, a comissão delegada dos grevistas da fábrica do Porto que, conforme temos dito, trabalha em íntimo acordo com os seus camaradas da capital, havendo determinado a sua vinda o facto de há três dias não receberem qualquer comunicação dos seus colegas lisboenses, a despeito destes diariamente haverem comunicado, quer por meio de telefones, quer por meio de telegramas, correspondência que certamente tem sido subtraída.

O gerente da fábrica do Beato, José Joaquim de Almeida, considerando-se ofendido por não ter sido comunicado da declaração da greve, quando lhe foi feito o pedido para que não obrigasse o pessoal do serviço de incêndios, que também é grevista, a que trabalhasse em serviço estranho, declarou que não reconhecia direito a quaisquer imposições, como se fosse o dono da fábrica, quando é certo que não passa dum assalariado, e nessa qualidade, virá a participar dos benefícios que os grevistas venham a conseguir, tanto mais que também se lamenta das dificuldades provenientes dum salário insuficiente.

## A morte do juiz

**A perspicácia da polícia consiste na prática de violências**

Segundo nos comunica o nosso informador do governo civil, as investigações sobre a morte do juiz Pedro de Matos, continuam, permanecendo incommunicáveis os operários Sebastião Graça e Francisco Valério, que a despeito de estarem submetidos a um regime violento como é o da incomunicabilidade, não têm, nos reiterados interrogatórios a que há sido submetidos, produzido quaisquer declarações comprometedoras.

Sabemos que ontem de madrugada foram detidos — e esta nota, não sabemos porque poderoso motivo a não fornecia a polícia — a imprensa — os jovens sindicalistas Diogo Homénio Júnior, polidior; João Ferreira, estofador; e Matias Siqueira, electricista, que igualmente se encontram incommunicáveis.

O Sindicato Unico Mobilitário pede-nos a publicação da seguinte nota:

A comissão administrativa deste organismo tomou conhecimento de que a polícia de segurança do estado, cerca das 6 horas de ontem, assaltou a sede deste sindicato, e, depois de uma minuciosa busca, onde tudo foi remexido, sem nada mais encontrar, os esboços do que a simples escrutinação se apoderaram do livro de matrícula e, por fim, estiveram tirando as moradas de alguns sindicalistas, no natural desejo de sobre eles exercer perseguição.

Contra este indigno proceder não protesta esta comissão, limitando-se a registar o facto, posto ser ele vulgar no período de "liberdade" que atravessamos.

## Greves que continuam

**Fracassaram as diligências para as solucionar**

JEREZ DE LA FRONTERA, 6. — Fracassaram as diligências que andavam sendo empregadas para solucionar as greves, contudo continua havendo tranquilidade. — *Rádio.*

**Monumentos nacionais**

Foram classificados de monumentos nacionais: a ponte romana (Arco de Santa Isabel), a torre pentagonal medieval, na antiga rua da Salara, pertencente a Francisco Severino Godinho, e a Torre triangular medieval, na rua Nova, pertencente a António Coelho Vilas-Boas, todas na cidade de Évora, e o palácio que pertenceu aos Almadas, provedores da Casa da Índia, no largo do Conde Barão, em Lisboa.

## E' descoberto um jazigo hulhifero

COMO «A BATALHA» SOUBE DO CASO JÁ OS ABUTRES ESTÃO EM MOVIMENTO

Entre as pessoas que na tarde de ontem nos procuraram nesta oficina, recebemos a visita dum camarada nosso que exerce a sua actividade nos caminhos de ferro do Sul e Sueste, corporação onde *A Batalha* conta grandes dedicacões. O referido ferroviário veio pôr-nos ao corrente dum caso importante, mas de interesse nacional, da sua exposição apurámos o que segue.

Apresentou-nos o informador dois pequenos blocos de carvão mineral, que tem um excelente aspecto, parecendo-nos o carvão superior ao que é extraído dos jazigos hulhiferos de Cardiff e que tanta extração tem numa considerável parte da Europa e entre nós, blocos que foram colhidos a mão e que conservamos em nosso poder, podendo ser examinados por quem para esse efeito se queira dar ao trabalho de passar por esta oficina. Os referidos blocos foram retirados da superfície do jazigo, onde, coberta por uma leve camada de terra, a hulha se encontra em grande quantidade, tudo indicando que o terreno é muito rico daquele precioso mineral.

**As experiências dão um excelente resultado**

Prosseguindo na sua exposição, o nosso camarada disse-nos que há pouco o chefe da construção da linha do Sado, sr. Alfredo Ribeiro, informado da existência daquele jazigo hulhifero, mandara buscar ali uns 1.000 quilos de carvão, com o qual fizeram experiências na máquina n.º 43 do Sul e Sueste — uma das mais deterioradas que ali existem — a qual, rebocando 15 vagões carregados de pedra e o fouro do condutor, pesando tudo aproximadamente 280 toneladas, «subiu» entre Setúbal e Alcácer, o perfil da linha de patamar sem que durante o percurso a locomotiva tivesse falta de vapor, conservando-se a caldeira abastecida de água. O percurso foi feito com a marcha de 35 a 40 horas, tendo o maquinista João Ferreira Robalo, e o fiscal de máquinas João Marques da Silva manifestado a opinião de que carvão algum, inclusive o de Cardiff, poderia dar tam excelente resultado.

Além destas experiências, que excede-

ram toda a expectativa, outras foram feitas, com a mesma hulha, em forja, nas oficinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste do Barreiro, havendo-se verificado o melhor resultado, tendo sido ainda o mesmo com outras experiências que se efectuaram nas oficinas de ferro da Fontainhas, em Setúbal.

**Em volta do filão surgem os primeiros abutres**

A notícia do importantíssimo achado, que poderia trazer a este país as melhores consequências, sobretudo neste momento em que a Inglaterra não exporta carvão e que a América do Norte o exporta com grandes restrições e a altos preços, dificuldades acrescidas com elevadíssimos fretes, a notícia do importantíssimo achado, fomos nós dizendo, logo se tornou conhecida dos potentados da firma Herold, que tem grandes fábricas no Barreiro, a qual destacou há cinco altos representantes que foram em pesquisa do filão, certamente no intuito de lhe lançarem as garras.

Por outro lado, e seguindo caminho diferente, o engenheiro Morais Sarmiento, antigo funcionário dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, hoje empregado da Sociedade do Estoril que explora a linha de Cascais, onde, como se sabe, pontifica o poderoso argentário Fausto de Figueiredo, partia para a «Herdade da Figueira», a estudar o jazigo, bem possível sendo que neste momento os abutres estejam já de posse do filão, que é de molde a converter em nababos os que lhe lancem a mão, tal a riqueza que representa.

Sabemos que o proprietário da herdade onde a mina se encontra a deu ao manifesto, mas também não ignoramos que os potentados, dispoendo de grossos cabedais, não encontram dificuldades na frente quando se trata de lançar mão dum manancial de ouro como aquele que representa o jazigo de carvão que vem de descobrir-se.

A existência da mina já é conhecida do ministro do comércio, que a um jornal da noite ontem declarou que acaba de enviar dois engenheiros para avaliar e examinar a qualidade de carvão e as condições de exploração, acrescentando — e isto confirma as nossas informações — que a mina onde já pode ser explorada, extraindo-se-lhe cerca de 300 toneladas por dia, o que é importantíssimo, e agora mais que nunca, atenta a escassez e a carestia do precioso combustível.

A *Batalha*, que a este assunto liga a maior importância, aguarda a acção das entidades oficiais e se, como é costume, estas votarem a este caso a atenção que habitualmente dedicam às grandes questões, dúvida não terá em gritar bem alto que neste país só a mais baixa e reles política preocupa os governantes.

## A fome avança

## EM ESCOURAL NÃO HÁ PÃO

Estamos nas colheitas e declara-se não haver trigo Alguns lavradores mostram a sua "filantropia"

Positivamente, brinca-se com o fogo. O espírito de ganância, depois de ter feito as classes ricas perder uns restos de vergonha, demontou-as, ao ponto de estarem contribuindo, com uma inconsciência pasmosa, para a queda estrondosa de todo o seu predomínio.

Os seus actos e as suas atitudes são reveladores dum cinismo revoltante, que não recua na prática de verdadeiros crimes contra a algebreria e contra a saúde dos explorados, que mojem para que a elas nada falte na satisfação dos seus caprichos doentios.

Aos detentores da riqueza social subiu-lhes à cabeça a embriaguez dum orgulho desmedido aliado a uma ausência completa de escrúpulos, e desandaram no exercício do roubo com um descaramento inaudito, zombando estupidamente dos protestos dos roubados, pois contam com o apoio dos ignorantes, com a defesa estupidamente patética que se vendem, e sobretudo, com a força armada, que paga com o dinheiro do povo, sempre se volta contra ele, quando trata de opor-se ao despotismo dos causadores da sua miséria.

Dia a dia se acumulam os crimes dos assambarcadores, dos gatuões e envenenadores da Moagem e da Panificação, os quais, possuindo muito dinheiro, compram a impunidade das suas infâmias àqueles que a inconsciência popular permite apresentarem-se como defensores da liberdade e da justiça, como representantes do povo, quando não passam de servidores do capitalismo.

Certos dessa impunidade, os negociantes de toda a espécie continuam cometendo, por todo o país, as suas ignóbeis proezas, condenando as populações à fome, como sucede agora em Escoural, donde um nosso camarada nos escreve com a data de 4 do corrente, justamente indignado com a roubalheira que se está exercendo e a indignidade com que se está procedendo contra o povo faminto, que tudo vai sofrendo com uma estranha resignação.

Mas temos a palavra ao referido camarada, cuja forma rude e sincera é bem expressiva:

«Camarada redactor. — Levado por um sentimento de humanidade ou ainda impellido por um espírito de revolta,

## O papel encarece e os jornais morrem...

PAU, 2. — O *Mémorial des Pyrénées*, jornal diário, órgão da direita, suspendeu a sua publicação por motivo da carestia do papel. Com ele desapareceu o decano dos jornais da região do sudoeste. O *Mémorial* publicava-se desde há 117 anos.

Há já alguns dias, indicava-se o desaparecimento do *Journal de la Nièvre*, que contava 95 anos de publicação. O desaparecimento foi causado igualmente pela crise de papel.

(De La Bataille).

## Liros e autores

A Catedral, romance por Manuel Ribeiro.

Não é tam fecunda a produtividade literária em Portugal que deixemos passar em claro todas as manifestações dessa natureza que realmente marquem no nosso meio acanhado e estéril.

Depois desse período fulgente de romantismo a que deram um singular impulso os escritos de Herculano, Garrett e Castilho, pouco mais tem aparecido que possa considerar-se digno de ser atingido pelo ecnômico sincero da crítica. Os que grangearam certo nome na acção que as suas obras tiveram, procuraram principalmente provocar ou o deslumbramento daqueles que os leem, ou a habilitação proveitosa a uma aura que depressa se dissipará, sem que deliqua o vinco perdurável que transborda de toda a composição de arte, que aspirou a sair do âmbito estreito do agrado vulgar, para traduzir um sentido, uma verdade, que não esmorecem na banalidade estouvante das impressões passageiras.

A essa grande geração literária do *Monasticismo* e do *Arco de Santana*, pouco de realce sucedeu, se exceptuarmos Antero de Quental, que excedeu esses patrares da literatura, no conceito filosófico dos seus poemas e na irreverência decidida da sua maneira de ser poética. De então para cá, a produção literária reveste formas amaneiradas e inconsistentes, sem uma finalidade para que tendam, sem uma origem benéfica em que se filem. E a literatura do salão aristocrático, banal e postica; e o historiográfico adormecedor, narcotizante, a escrever períodos chatos em que não passa o fluído brilhante da criação que domina, ou do escápolo que retalha com impiedade. Não há nas composições literárias a vibração estética da emotividade delicada; há só o respirar de pequeninos factos vãos de sentido, sem o bafejamento duma ideia nobre.

Depois de algumas dezenas de anos de improfício parturimento literário, aparece-nos Manuel Ribeiro, sem ostentações, despojado de preconceitos, formando na ala avançada dos ideais modernos, a pôr diante dos nossos olhos sequiosos a sua *Catedral*.

A aparição é tanto mais para festejar quanto é certo que não está o nosso meio habituado a estas revelações de pura arte em que a literatura deixa o adocicamento a que estamos habituados para se virilizar, para ensinar, para propagar sem a profissionalização suspeita do doutrinarismo demagógico, sem a veleidade estilista do deslumbramento artificial.

A *Catedral* é mais alguma cousa do que uma joia literária: é o fruto de cuidadosa investigação posta diante da nossa curiosidade sem a aridez investigativa que caracteriza os nossos cabouqueiros do passado, pelo contrário, envolve-nos num perfume e encantamento que o passado artístico trouxe até nós numa nuvem de mistério e de imprevisão.

Nem Blasco Ibañeta, nem Huysmans, encaram o assunto pela forma porque Manuel Ribeiro o encanou. Os dois escritores geniais, autores de obras do mesmo título, esvoaçam, pagam sobre a arte, com muito talento, é certo, mas com um dilettantismo literário que prejulga a severidade indispensável a estudos deste quilete.

Manuel Ribeiro, conseqüente erguer do pó do passado e de Lisboa, sob vários aspectos. Arquitecturalmente, acarinha-a, relevando os seus mais insignificantes detalhes num rigorismo de terminologia que desconhecem muitos profissionais da arte da arquitectura.

Historicamente, as suas descrições nada perdem na proba evocação da sua vida administrativa, tudo assinalam na delineação evolutiva da sua fábrica.

Há, porém, um aspecto da obra que ao autor mereceu uma atenção especialíssima. É a observação metódica com que estudou a vida monástica beneditina na sua feição claustral, de acatamento do ritual considerado na expressão do simbolismo litúrgico. É intelramente nova nos nossos romancistas esta preocupação de descrever os monumentos de arte religiosa, acalando passo a passo o vocabulário artístico na expressão íntegra das designações.

Os velhos cronistas descreviam os monumentos que andavam ligados à ordem conventual de que se ocupavam, fazendo salientar principalmente a parte mística, desconhecendo absolutamente aqueles termos que individualizavam essas edificações. Manuel Ribeiro não descarta esse ponto, demorando-se com grande proficiência no relato da bibliografia beneditina. Escolheu bem na sua preferência essa ordem monástica de cuja regra se ocuparam, no nosso país, Martinho de Aljubarrota, João do Apocalipse, Marcellano da Ascensão, Bernardo de Braga, Osório de Pernes, Gil de S. Bento, Leão de S. Tomás e Jerónimo Vahia.

Toda a *Catedral* é um repatório de investigações cheias de consciência, em que a erudição e a reperiência com a delicadeza da frase, candente quando nos põe em contacto com o canteiro João Coutinho, e scintilante quando o arquitecto Luciano, num arroubamento sublime, evoca à tida Maria Helena a comovedora *Legenda dourada* de Santa Cecilia.

Há em toda a obra um sópo admirável de lirismo, as suas páginas exalam um aroma subtil de pureza a que não estamos habituados nos escritos portugueses contemporâneos, lirismo fulgurante, sem atavios. Ninguém poderá justamente arrancar dos capítulos de *A Catedral* um só que mereça referência especial, sob o ponto de vista literário. Para mim, porém, um há que por si só bastaria para afirmar as qualidades privilegiadas do autor, no que toca ao seu cabedal de conhecimentos arquitecturais.

É o capítulo X, em que ele descreve a evolução do estilo românico com uma honestidade de processos e com uma elegância de frase que colocam Manuel Ribeiro entre os maiores dos nossos literatos, de que aliás se diferencia no conhecimento profundo da tecnologia artística.

A questão social aparece esplendidamente posta na *Catedral*. Surgem-nos por entre esses períodos brilhantes, os anacronismos da moderna sociedade, os erros nefastos que a caracterizam.

Manuel Ribeiro não se serviu do seu romance para fazer a crítica da odiosa estrutura das sociedades contemporâneas.

A ideia que dominou o seu espírito recilino foi a de preparar nesse cadinho de arte que é *A Catedral* uma atmosfera propícia ao desenvolvimento de temas verdadeiramente sociais e que constituiria a sequência da sua obra, nos volumes que se lhe seguirão.

A *Catedral* tem de ser lida por todos os literatos a quem não move o ignaro mercantilismo, tem de ser devidamente apreciada por todos os artistas que para a urditura das suas produções buscam mais alguma coisa do que as dogmáticas e inexpressivas crônicas monacais dos séculos que passaram.

Nogueira de BRITO

## A reunião de ontem

na União dos Sindicatos Operários

**Trata-se da situação de «A Batalha»**

Como há dias vinhamos noticiando, realizou-se ontem, a convite da U. S. O., a reunião das direcções dos sindicatos operários da capital.

Estavam representados os seguintes sindicatos: Corticeiros, Manipuladores de Pão, Compositores Tipográficos, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Inscritos Marítimos, Fabricantes de Armas, Empregados de Fotografia, Alfaiates, Construtores de Macadam, Encadernadores, Mecânicos de Açúcar, Empregados da Carris de Ferro, Tanoeiros, Empregados de Limpeza e Sanidade, Ferrovários da C. P., Empregados de Escritório, Sindicato Unico da Construção Civil, Impresores Tipográficos, Correios, Empregados Menores dos Correios, Barbeiros, Empregados Mobiliários do Comércio, Sindicato Unico Mobiliário, Manufactores de Calçado e Descarregadores de Mar e Terra.

Aberia a sessão, o secretário geral da U. S. O., explicando o motivo da reunião, disse que o secretário geral da C. G. T. e a administração de *A Batalha* explanarão o que é preciso fazer para que o órgão operário continue a sua regular publicação.

Em seguida o secretário geral da C. G. T. expôs a situação financeira de *A Batalha*, dizendo que para ela se sustentarem é necessário pôr em prática a cota votada pela Confederação. Acrescenta que as resoluções dos sindicatos tem demorado e, por isso, para que *A Batalha* continue exercendo o seu papel, torna-se preciso que os sindicatos deem um auxílio imediato.

O delegado dos Empregados de Escritório, que se segue no uso da palavra, afirma que a culpa de *A Batalha* ter uma vida difícil é devido à massa trabalhadora preferir ainda os jornais que exploram o noticiário do crime. Os delegados dos Calceiros, dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante e Empregados Menores do Comércio, di-

## C. G. T.

### Conselho Confederal

Na sessão do Conselho Confederal, a noite de ontem, no expediente, o ofício da Federação dos Trabalhadores Rurais comunicando que está elaborando um inquérito junto das associações federais sobre os preços dos trabalhos agrícolas, assim como das entidades de produtos realizados, e dando que o facto fosse comunicado ao ministro da agricultura para o efeito de tabelamento dos cereais. Resolvido a sua conformidade.

Contro o ofício da U. S. O. de Beja comunicando as *diminuições* junto das autoridades locais relativamente à entrega de haveres das Associações federais, resolveu o ofício.

O ofício da Associação dos Chapelleiros de Braga sobre o desrespeito pela lei das 8 horas em S. João da Madeira, resolveu chamar a atenção do ministro do trabalho para este caso e oficializar a colectividade notificando-lhe que a jornada das 8 horas só será respeitada quando os operários se imponham com o seu fim.

O ofício da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha comunicando que as associações operárias de Barcelona e outras localidades que haviam sido cercadas estão sendo reabertas e que os presos por ordem governamental se são postos em liberdade, pelo que pede desde já cessar a boicotagem aos produtos espanhóis. Tomado em consideração com regozijo por esta vitória as forças proletárias internacionais.

Depois de várias comunicações de alguns delegados sobre a carestia da vida continuou-se na discussão do relatório do Comité Confederal.

O capítulo sobre a organização dos transportes sofreu alguma discussão, e depois de explicações circunstanciadas pedidas pelo secretário geral, foi resolvido que o Comité prosiga nos trabalhos que sobre o assunto encetou e que o julgue oportuno.

Sobre o capítulo *Cédula pessoal obrigatoria*, deliberou o Conselho chamar a atenção da organização para esta questão, a fim de que esteja de sobreaviso para se manifestar contra esse odioso imposto no caso dos governantes insistirem na sua promulgação.

Sobre o capítulo *Propaganda na provincia*, manifestaram-se vários delegados, informando o secretário geral que está elaborando um estatuto tipo, destinado às associações mistas na provincia, estatuto que sofrerá contudo as restrições impostas pela lei, mas que serão atenuadas por regulamentos internos.



